

“QUATRO PRISÕES DEBAIXO DE ARMAS” A AÇOREANIDADE NEMESIANA EM TESTEMUNHO

ANTÓNIO AUGUSTO FERNANDES

Vitorino Nemésio não é um autor popular. E o esforço que os *curricula* do ensino secundário fizeram para o levar a tomar assento entre os autores canónicos frequentados pelos escolares não obtiveram grande êxito. *Mau Tempo no Canal*, a obra escolhida pelos programas, não é uma obra fácil, seja pela sua extensão, seja pelo intrincado da intriga e pelo quantitativo das suas personagens, seja ainda pela estranheza dos seus espaços e da sua linguagem.

Ora, para que não se veja afastado das salas de aula, e de maneira tão inglória, um dos maiores contadores de histórias do século XX, ocorreu-nos propor, como hipótese plausível para uma iniciação, esta narrativa bem mais simples e muito curiosa - *Quatro Prisões Debaixo de Armas*. Este conto de *O Mistério do Paço do Milhafre* conta-nos a história de uma tal Matesinho de S. Mateus, açoreano da ilha Terceira e uma espécie de primo muito chegado do nosso bem conhecido Malhadinhas pelo seu pendor pícaro, pela variedade dos seus expedientes e pela inesgotável facúndia com que conta os inacreditáveis *causos* da sua vida andarilha.

O Matesinho de S. Mateus era o maior gavola que a Vila da Praia tinha. – Assim começa a narrativa e bem pouco abonatório parece este modo de iniciar a crónica do nosso herói. Mas de imediato, a afirmação é suavizada por ligeira modelização: *Isto diziam certos pescadores, cheios de invejidade da sua fisga certaíra.*

E logo o próprio narrador se apresta a subscrever, por conta própria, opinião bem mais lisonjeira:

Por mim (escreve Mateus Queimado) nunca vi peito mais firme, dentes e riso mais abertos, bizzarria maior a contar uma vida caipora, sim, mas mais divertida e rasgada que uma tarde de toiros cheia de fava torrada e de guiseiras luzidas.

No entanto, o prosseguimento da caracterização denega, em parte, estes indícios eufóricos iniciais: a grande pecha de Matesinho é o seu amor pela bebida:

Pelava-se por vinho e cachaça, entrando às vezes em casa perdidinho de bêbedo. É verdade que passava às vezes um mês e mais sem no copo; mas, em no avezando, acabava-se o mundo! Chegava-lhe «por alma da caixa velha»!
(p9)¹

A personagem de Matesinho começa, portanto a adensar-se sob o signo da contraditoriedade, estigma apenso ao barro inicial de toda a humana geração. Vitorino Nemésio evita ater-se à facilidade de nos desenhar um pícaro estreme. Prefere transmitir-nos integralmente a prosaica realidade açoreana da sua infância, revestindo-a de uma certa aura mítica, é certo, mas sem condescender em deturpá-la escondendo as suas mazelas da violência familiar e do alcoolismo sob a capa da evocação saudosa:

Quando o mar não estava de lapas - como dizia a mulher - o Matesinho tornava-se impertinente, pegando por via de tudo. E, no meio do berreiro da filharada miúda, malhava na pobrinha que nem numa estriga de linho. Só se ouvia gritar na Rua do Monturo :
- Padaço de traste! Tarraço! (p10)

Mas lá vem a outra face de Mateus, a do homem honesto e batalhador que, com a naturalidade das almas inscientemente grandes, entrelaça heroísmos e casos comezinhos do dia-a-dia, arriscando a vida para que em casa não falte pão aos filhos:

Sem vinho, porém, o Matesinho era o rei dos bensinados e amigo de acarrear. Não faltava com a novidade, pagava os fiados na loja, e nem que o mar estivesse virado do avesso se punha como os outros pescadores, estirado na areia, à mangalassa, batendo uma bisca ou um truque. Pegava mas era na físga e no lampião; e ao outro dia não faltavam caranguejos nem lapas para puxar vinho e cantigas, na venda do Samiguel.
- Ainda um dia me ficas nesses calhaus, servo de Deus! - resmungava Estrudes, querendo-lhe bem como à vida. (p10)

Nem falta este traço tão lusitano do amor fatal, quase fadista, da Gertrudes derretendo-se em ternura pelo seu homem que assim lhe moía a paciência com asneiras e o corpo com pancada. A mesma ternura que, pela sua personagem, Nemésio deixa transparecer ao

¹ Encontrando-se a obra de Vitorino Nemésio quase totalmente esgotada no mercado, fomos forçado a utilizar um exemplar da já antiga e não muito cuidada colecção da RTP a que se reportam todas as citações, enquanto aguardamos a iniciada edição da INCM: NEMÉSIO, V. (1971), *Quatro Prisões debaixo de Armas*, Editorial Verbo, Lisboa.

longo de toda a narrativa, por interposta pessoa, a pessoa de Mateus Queimado, o narrador.

Quando há pouco aproximávamos Matesinho de S. Mateus do Malhadinhas, não era nossa intenção reduzir este a um mero decalque do almocreve beirão. Para lá das coincidências pícaras e dos dotes de palrador ao desenfado, a personagem de Matesinho, apesar da brevidade da narrativa, apresenta-se menos linear, de uma maior complexidade de construção. Assim, aos já esboçados traços da sua personalidade, acrescem os seus dotes musicais, cabondes a armar uma festa ou um balho domingueiro para a raparigada, quando ainda nem rádios nem grafonolas embaçavam a pacatez das solidões ilhoas. Agarrado à *Serena*, a sua viola, «aquilo tirava cantigas nem que soubesse ler por cima».

O traço que, todavia, ressalta mais vincado deste seu perfil é o de contador de histórias:

Matesinho era prezado por esses meus senhores de boa vida, que gostam de desafios e de cracas. Lá boas partes tinha-as ele, grandessíssimo mariola! /.../

Estes meus senhores, forma respeitosa de tratamento, corresponde, em termos de narratário, aos *manatas e escritvães da vila* a quem o Malhadinhas se dirigia.

Quando o Matesinho caçava ouvinte de respeito para as suas pacoetas de tropa dava-lhe às vezes a veneta: corria a casa, à caixa: levava a Serena e aquele quadrado de percalina preta, todo enebado das consultas E batia-a no peito, o gavola:

- É a viuvinha do rapaz... Há mais de vinte anos que lhe eu falto!
(p11,12)

É a presença desse quadrado de percalina preta, a caderneta da vida militar, (*mais carregada de castigos que um barco do Pico de leitões*) que desencadeia a narração das *estórias* que compõem *Quatro Prisões Debaixo de Armas*. O informante temporal - *Há mais de vinte anos!* – leva o narrador a engrenar na analepse da evocação da primeira prisão debaixo de armas:

Com efeito, devia andar a jeito disso que, apurado para caçanha, Matesinho trepara ao Castelo da «Muito Nobre, Leal e Sempre Constante Cidade de Angra do Heroísmo. (p.12)

Este início da segunda sequência da narrativa, muito curta, como se pode ver pelo esquema anexo, levanta-nos o problema dos narradores.

A sequência inicial, de caracterização do protagonista, é da responsabilidade de Mateus Queimado. Voltamos à primeira frase do texto: *Por mim (escreve Mateus Queimado) nunca vi peito mais firme, dentes e riso mais abertos, bizzarria maior a contar uma vida caipora, sim, mas mais divertida e rasgada que uma tarde de toiros cheia de fava torrada e de guiseiras luzidas.*

Portanto, quem esboça o perfil do Matesinho de S. Mateus é um tal de Mateus Queimado que inaugura um discurso de primeira pessoa: *Por mim nunca vi*, etc. Mas quem produz o enunciado - *escreve Mateus Queimado* - é aquela entidade que Carlos Reis, em *Técnicas de Análise Textual*² identifica como *editor*, que teve acesso aos escritos de Mateus Queimado, os divulga e que, para abreviar considerações inoportunas, vem na prática coincidir com o autor empírico.

Poderíamos perguntar-nos, é claro, qual a necessidade de Vitorino Nemésio se esconder atrás deste Mateus Queimado narrador, que, aliás, assume essas funções em sete dos quinze contos que constituem *O Mistério do Paço do Milhafre*? Perfilhando a opinião de Somerset Maugham no prefácio de um dos seus livros de contos, será, essencialmente, uma questão de modéstia e pudor, atenuando os riscos inerentes à narrativa de primeira pessoa; uma espécie de necessidade de afastamento crítico das coisas narradas, “necessidade de alteridade e distanciamento”, no dizer de Fátima Morna; uma tentativa de esconder uma vibração emocional que será de aceitar em Mateus Queimado, ouvinte e personagem envolvida na própria trama dos acontecimentos, mas que lançaria suspeita sobre a isenção do autor face às suas histórias.

Mateus Queimado é, portanto, a figura que se interpõe entre o *testemunho e o fingimento*. O carácter testemunhal da narrativa torna-se bem evidente se atentarmos que os três contadores das histórias que se escalonam na narrativa, Vitorino Nemésio, Mateus Queimado e Matesinho de S. Mateus são os três ilhéus, os três terceirenses e os três de Praia da Vitória, unidos, portanto, por insinuantes afinidades telúricas e, hipoteticamente, pela comunhão no conhecimento da mesma realidade açoriana. O fingimento, tomado no sentido mais estritamente pessoano, começa aqui no entretecer de uma narrativa

² REIS, Carlos (1993), *Técnicas de Análise Textual*, Coimbra: Livraria Almedina, 3ª ed.

desdobrada em três planos: o primeiro, da responsabilidade do editor, apresenta os escritos de Mateus Queimado; o segundo, da responsabilidade de Mateus Queimado, apresenta Matesinho de S. Mateus; e terceiro, da responsabilidade deste, apresenta-o a ele próprio.

Mateus Queimado, seria, assim, o alter-ego de Nemésio, ou, como diz Martins Garcia,³ «um quase heterónimo», «um outro eu-mesmo» e este escalonamento narrativo realizaria um processo transitório do regional em direcção ao universal. Lateralmente ao texto, convém assinalar que o volume onde se inclui *Quatro Prisões debaixo de Armas*, publicado em 1924, se intitulava *Paço do Milhafre*. Com o título de *O Mistério do Paço do Milhafre* é totalmente refundido em 1949, um quarto de século depois, portanto e após a experiência europeia de Nemésio como leitor em Montpellier e na Bélgica, experiência que lhe permite perceber com maior nitidez a essência da matriz regional e reconfigurá-la dentro dos parâmetros da universalidade.

O relato de Mateus Queimado deve pois ser lido como uma evocação tendencialmente des-subjectivizada que o próprio autor faz da sua «enciclopédia isleña». Mas ao endossá-la a Mateus Queimado como interlocutor presencial de Matesinho de S. Mateus, disponível, enquanto narratário, para um acolhimento embevecido dos *causos* narrados, desembaraça-se de uma empatia que eventualmente poderia embaraçá-lo. Estabelece-se, assim, entre o autor e Mateus Queimado, uma cumplicidade de narrador/narratário muito semelhante à que reina entre Mateus Queimado e o próprio Matesinho de S. Mateus. E estes dois situam-se no interior de uma plêiade de narradores insulares criados por Vitorino Nemésio, entre os quais avultam o ti João Grande, o ti Altino e aquele extraordinário picaroto, o ti Amaro de Mirateca que, ao longo do capítulo XXVIII de *Mau Tempo no Canal*, se espraia pelo contar de aventuras vividas no Oceano Glacial Ártico (*Arioche*, como ele diz), utilizando uma composição narrativa muito semelhante. Todos eles coincidem nos traços definidores essenciais: avançados em idade, narrativizando uma existência tecida de agruras e estruturando uma estratégia narrativa muito nemesiana.

Voltando à sequência da primeira prisão, mantém-se, tal como acontecera no *incipit*, a narrativa de terceira pessoa, da responsabilidade de Mateus Queimado. É, no entanto, de notar que a tonalidade discursiva se alterou, baixando a um nível mais popular,

³ GARCIA, José Martins, (1978) *Vitorino Nemésio, a Obra e o Homem*, Arcádia, Lisboa.

como se o discurso do narrador se deixasse contaminar pelo do protagonista, mostrando-se frequentemente inçado ora de plebeísmos, ora da gíria militar, ora ainda de enunciados retirados do próprio discurso de Matesinho. Reparemos, a título de exemplo, no seguinte período:

Com efeito, devia andar a jeito disso que, apurado para caçanha, Matesinho trepara ao Castelo da «Muito Nobre, Leal e Sempre Constante Cidade de Angra do Heroísmo, que vence armas apresentadas ò sinal da praça, sintido e toque de retreta, e ainda tem honras de Capitão-General, que é posto do valor de Sua Alteza a vinte e um tiros de peça e galhardete vormelho alvorado ò torreão grande!» (p.12)

Se a responsabilidade pelo início deste longo sintagma é atribuível ao narrador, a parte final é do herói que dele se apodera orgulhosamente, como quem recita: «*Que eu inda sei falar, lá por ser um prove pescador e tomar a minha cardina...*». Esta ambiguidade discursiva estabelece uma muito significativa simbiose entre o herói e o seu cronista, atrás do qual, como já referimos, o próprio autor pudicamente esconde a sua embaraçada empatia.

«*Ora, um dia, apesar de alvorado em cabo*»... assim, com este informante temporal e um conector de discurso que sabe a conto popular, começa a breve história da primeira transgressão de Mateus às normas castrenses. Muito resumidamente: o sargento Testilha, que embirrava com Mateus, põe-no, apesar de já «alvorado em cabo», de faxina à praça. Vem o cabo Conceição, não menos embirrento e, em total desrespeito pelas hierarquias, manda-o varrer a caserna. O Matesinho, «sabe Deus com que bofes», obedece e lá se vai desempenhando da incumbência. *Mas porém chega o cabo*,... Reparemos como, de novo, o discurso do narrador, tendencialmente próximo da norma, se vai entrelaçando com o do Matesinho, recheado de plebeísmos, gerando-se assim um discurso híbrido; e ainda como Mateus é alternadamente designado ora pelo seu nome ou pela terceira pessoa, ora pela primeira pessoa pronominal:

Mas porém chega o cabo, aquele prosa de merda!, põe-se de cócoras no solho a inzeminar a poeira. Desencava o barretina a Mateus - um alvorado!- esfrega-a no chão e diz:

- Tás a ver?! Q'ando nã tiver disto - «e amostrava-me a copa cheia de terra»- antão podes ir à tua vida. Ponha-se já em sintido e faça o que l'eu mandei! Ordináriu... marche!

Foi como se um fogo pegasse no cabelo anelado de Mateus. Sentiu que o sangue lhe subia das unhas dos pés à cabeça; viu uma coisa cega, toldada,

como quando um toiro à corda levanta a terraceira da estrada e abate uma dúzia de bordões: e ferra com a apanhadeira no toitiço do cabo Conceição!
(p13)

Este agressivo sentido da honra e os repentinos com que exige desquite imediato das ofensas, lembra-nos ainda e mais uma vez o herói beirão de Aquilino Ribeiro. Resultado: aqui temos o nosso homem a contas com o tribunal militar e com a sua primeira prisão debaixo de armas:

*Por isso o Matesinho gavalava, batendo na pelúcia do peito toda orvalhada a vinho de cheiro:
- Quatro prisões debaixo de armas, que estão aqui!* (p13)

Reparemos agora na transição para a terceira sequência, a da sua segunda prisão. Como o esquema permite verificar, esta é a sequência mais longa de todo o conto. É também a mais representativa e a mais bem estruturada, o que leva a determo-nos mais detalhadamente na sua análise. Começa assim

*Dizia-se que corra um cabedal de mundo, lá para a outra borda... E consolava, ouvi-lo contar assucedimentos e pacoetas passadas em praças de guerra: Évora-Cidade... Valença do Minho... Almeida... Elvas...
Ah! Elvas! Em Elvas é que tinha sido!* (p13)

Através desta pequena frase exclamativa que marca a transição pela forma assumida do discurso indirecto livre, o primeiro narrador, passa a palavra ao segundo narrador, o Matesinho de S. Mateus, remetendo-se para o lugar de narratário, pontualmente referenciado por *vossoria*, uma vez que esta sequência se circunscreve ao espaço de Elvas/Badajoz – com Matesinho a cumprir a pena da sua primeira prisão no forte de Elvas – e Mateus Queimado deixa de ser testemunha dos acontecimentos propriamente ditos. Este exílio de Matesinho para longe da quentura uterina da sua ilha constitui uma espécie de queda e expulsão do paraíso, início de um percurso exógeno de purificação. Inaugura-se um discurso narrativo autodiegético que começa assim:

- A gente usava calça preta e bota de cano nas paradas, Vossoria entende...! Ora, é stava mesmo morrendo pra ir a Badajoz. Terra de femeação!

(Coitado quem viu e cegou!⁴) *Muchachas como garoipas! Mães stá Vossioria comprehendendo que Mateus não avezava um real* (p14)

Estando nós, juntamente com Mateus Queimado, perante um narrador inicialmente caracterizado como analfabeto, compete-nos reflectir mais pausadamente sobre este discurso cuja tónica maior é a da oralidade e naturalidade do contar, o que pressupõe a co-presença de narrador e narratário e estratégias peculiares de envolvimento dos destinatários presentes, através do exercício das funções fática e apelativa, em demanda, se não da sua empatia, pelo menos da sua atenção e compreensão, mediante expressões como: *Vossioria intende...!, stá Vossioria comprehendendo...*

Na avaliação do discurso narrativo, não podemos esquecer que ele supõe uma organização e manipulação dos eventos narrados de acordo com a componente espacial em que se gera e o auditório a que se destina. Ora a narração de Matesinho é moldada pelas seguintes condicionantes espaço-temporais: um espaço público de convívio e de lazer, a venda; um pequeno povoado, isolado por pequeno, mais isolado ainda por insular; como assunto percalços da sua vida militar ocorridos duas décadas antes, recriados pela palavra e, porventura, ampliados pela óptica da memória.

Também não é indiferente que o castigo da sua primeira transgressão o tenha atirado do seu isolamento insular para os sertões arraianos do Forte de Elvas, olhando terras de Espanha, terras de perdição, se atendermos às conotações licenciosas subjacentes ao lexema *espanholas* na nossa narrativa da segunda metade do século XIX e inícios do XX.

Por outro lado, o estatuto de contador de histórias assumia particular relevo nas comunidades fechadas sobre si. Além disso, esse comunicador oral, desde Fernão Mendes Pinto até aos mendigos e malteses de Manuel da Fonseca, anda indissociado do conceito de errância, de transgressão dos estreitos limites que aperreiam as vivências daqueles que se quedam eternamente agarrados à segurança e quietude do torrão que os viu nascer. Daí a importância capital desta introdução: *Dizia-se que corra um cabedal de mundo, lá para a outra borda...* São, de facto, as experiências vividas, a estranheza do experimentado, a diferença do tão outro que está para lá do círculo do

⁴ Os próprios comentários que Matesinho intercala na sua narrativa mereciam algumas considerações enquanto manifestação do ulterior distanciamento do narrador, com o acréscimo de experiência que a vida lhe trouxe, relativamente à matéria narrada.

horizonte, que caucionam a validade das histórias contadas. E dizemos a validade, que não a veracidade, remetida esta para segundo plano, em favor do deslumbramento. Donde a importância da magia da palavra: da tonalidade à entoação, do ritmo da frase ao silêncio, do gesto à coreografia do contador... sobre tudo isto se constrói o sortilégio do contar/ouvir histórias. A nossa geração, cuja infância se situa nas imediações do advento da galáxia de MacLuhan, representa, eventualmente, a última fronteira entre o antes e depois da globalização dos *mass-media* que mataram os contadores de histórias.

Insistimos particularmente na estética do discurso oral porque este conto de Vitorino Nemésio não é para ser lido, é para ser contado, para ser contado em voz alta e por um açoriano: só assim se compreendem todas as transcrições da oralidade que contendem com a ortografia oficial, os erros gramaticais próprios da elocução oral, aqueles saborosos erros que o povo comete e que às vezes nos fazem pena por a nossa língua ser tão erudita, *vulgo*, tão difícil.

Retomemos o texto e vejamos. Digo vejamos porque, na ausência da palavra dita, forçoso se torna atentar na sua transcrição grafémica. Olhemos, portanto, à laia de exemplo, o início da peripécia propriamente dita para nos darmos conta da verdadeira extensão das marcas da oralidade que tomámos a liberdade de assinalar a negrito:

Ora, ê stava mesmo morrendo pra ir a Badajoz. Terra de femeação! (Coitado quem viu e cegou!) Muchachas como garoipas! Mãis stá Vossioria comprehendendo que Mateus não avezava um real /.../

Stávemos a comer uns tramoços mal curtidos, eu e o Antonico Rato; e vou eu e digo-le:

«- Olive cá, setenta e três! A gente tem que ir amanhen òs toiros a Badajoz, nem que o Diabo arrebente!»

- Diz-me ele assim:

- Oh home! Por mim, ando à pineira... Coma é que tu queres qu'ê vaia?»

- Eu antão, que ainda tinha bũas alembranças (assim as tivesse hoje, que nem é bum falar nisso!), fiz ùa cara ò grave, cá que nem um anspeçada, e digo-le:

«- Rapaz, nã te inquemodes! O bõnim é comigo. Nunca oiviste dezer que ilhéu dipois de morto ainda dá coice!... Pois eu, atirar não atiro; mãis juro-te pelo S do cinturão, que ou nã me chame Mateus, ou havemos de antrar na praça!» (p14,15)

Estamos em crer que Vitorino Nemésio não se deu a este trabalho de desinquietar a seriedade do código linguístico por mera caturrice regionalista, mas para vincar que a arte de bem contar esta história não se pode dissociar desta musicalidade própria do linguajar açoriano ou, mais propriamente, terceirense. E estamos, a nível formal, em pleno

campo do fingimento/ficcionalização daquilo que se pretende seja testemunho das suas terras e das suas gentes: a linguagem faz parte integrante, tal como a terra e os factos, da construção da personagem e da própria essência testemunhal da narrativa.

O móbil desta decisão intempestiva de Mateus é, de facto, a tourada e não o *femeação* como poderia dar a entender a introdução. E a justificar tal desejo vem a evocação de toda a sua *afición* já demonstrada por Matesinho aquando da guerra entre *Pechugas* e *Joseítos*, duas claques beligerantes constituídas em torno da arte de dois toureiros espanhóis que haviam actuado nas ilhas. Ele, Mateus, *pechuga* declarado, deitara uma aiveca abaixo ao Fandulha que viera de lá com *lironas* a um passe do Joseíto!

Aliás, esta guerrilha aparece também evocada no último capítulo de *Mau Tempo no Canal*, onde a ambiência criada pela aproximação da tourada na ilha dá também origem a uma longa divagação sobre lides tauromáquicas, o que nos faz crer que o próprio autor não seria imune ao fascínio do toureio. Isso explica que, logo no início do texto, a vida de Matesinho, matéria da narração, nos seja sintetizada numa comparação de raiz tauromáquica: *uma vida caipora, sim, mas mais divertida e rasgada que uma tarde de toiros cheia de fava torrada e de guiseiras luzidas*; e a cegueira que acomete Matesinho, quando se vê desfrutado pelo cabo Conceição, é igualmente expressa por uma comparação da mesma área lexical: *viu uma coisa cega, toldada, como quando um toiro à corda levanta a terraceira da estrada e abate uma dúzia de bordões*. (p13)

A tentação era grande e os soldados não põem grande empenho em vencê-la. Mas, dado que tanto ele como o Antonico Rato, seu amigo e convidado, andavam à *pineira*, Matesinho opta pela transgressão e põe no prego a fardeta e as botas da tropa, apesar de conhecer a gravidade do acto:

(Vossa Sioria comprende... Vinder artigos da orde, que ùa praça arrecebe do Casão, seja correame ou pano fino, já se sabe... é aquela conta: prisão do baixo de armas em conselho de guerra, e às vezes Costa de África!).
(p16)

Mas o pior estava para vir. Tendo cedido a esta primeira tentação, outra vem. Aplacado o vício tauromáquico, Mateus, embora casado e tendencialmente fiel à sua Gertrudes, sucumbe também à segunda tentação:

À saída dos toiros (era plo Sã João) atirei um cravo a ùa culatrona de mantilha e pineta, sempre a lecar-se de leque: mulher da vida, sim, mãis desimbaraçada e escorreita, linda comò sol, que só parcia mesmo a maromba do cromo que o Finório barbeiro tem na tenda! /.../ No apertão da saída, coma quem nã quer a coisa, passei-le a mão à cintura. Aquilho é que era um amajo! (Oh piqueno, sume-te de diente de mim! Esta garotada o que quer é só chocalheirar! Vai brincar co a bichinha pà areia.) (p17)

Este pequeno excerto, para lá de dar andamento à intriga, suscita-nos ligeira observação a propósito deste *piqueno* que Matesinho enxota desabridamente e que lhe aparece pela frente nas passagens mais escabrosas da sua narrativa. Atendendo a que, no entender do seu já citado biógrafo, Martins Garcia, estas narrativas constituem uma romagem de Nemésio, como particularmente ressalta do terno conto *Cabeça de Boga*, às suas memórias de infância, não podemos impedir-nos de ver neste miúdo metediço o próprio autor, criança ainda, à laia das tábuas quinhentistas em que o pintor, como se testemunha fora das cenas pintadas, se retrata em um esconso recanto da tela.

A aventura inicia-se, como vemos, sob o signo de um hedonismo muito espontâneo: a atracção da tourada, primeiro, e a solicitação da fêmea agora, descrita desde logo em tonalidades sugestivamente sensuais pelas alusões embevecidas aos dotes físicos da *culatrona*. Bem depressa os acontecimentos tomam rumo bem diverso da simples escapadela aos toiros em Badajoz. Matesinho mai-lo Antonico Rato, acompanhados de duas espanholas, acabam por encalhar numa *fonda*, tasca de má nota, onde alguns súcios queimam o tempo com as cartas. Embora entretido a bebericar e na contemplação da sua dama, Mateus apercebe-se de que um dos *cracamanos* presentes, conhecido de Consuelo, não despega os olhos dela. Algo despeitado, mas cavalheiro, insiste em desimpedir o caminho à companheira, tanto mais que, como ele filosofa, agora que narra e os anos pesam, *amigo não impata amigo nem soldado português puta espanhola*. Mas a magana apressa-se a serená-lo:

(Ê cá nã falo espanhol, mãis nunca mais me esqueceu!):
«- Si no le gusto, me marchó ... Pero le quiero... le quiero mucho, portuguesito!» (p19)

O que foi dizer a ternurenta dama! E aqui se nos revela uma outra faceta, até certo ponto inesperada no pícaro: a de uma emotividade ambiguamente intensa em que se caldeiam doses incertas de ingenuidade, de desejo e de um platonismo que, além de desajeitado,

briga com a especificidade de tal lugar, a tais horas, em tal companhia; restos, decerto, da velha galhardia que, se o épico nos não engana, levou os magriços a desafrontar as ofendidas donzelas inglesas e que, neste entremês, leva Matesinho a esboçar o gesto de consagração como se, por sortilégio das palavras proferidas, a marafona se transfigurasse em casta donzela por quem porfioso se torna terçar armas:

Mãis o diabo da muchacha, dezendo-me aquilho a mim, que nã tinha eira nem beira e era pior que um desertor, deu-me logo cos pés no coração. E eu, que inté ali tinha stado a pé dũa mulher de porta aberta, dali por diente tomei-lhe um rospeito que, maior, só o que tenho à minha Estrudes. (p.19)

Reparemos agora no ritual, singelo mas tão simbólico, com o seu quê de quixotesco, com o qual Matesinho entroniza publicamente a sua Dulcineia:

Alambrei-me antão, no meio daquela fraqueza, que tinha arrecadada na bolsa ùa medalhinha de prata, da Senhora dos Milhaigres da Sarreta, que minha Mãe me tinha dado na vespra do imbarque, na cidade. Era a única galanteria que tinha comigo, além de ser coisa benta. Puxei da bolsa, e, tamém de olhos vidrados, mãis disfarçando a coisa cá co estes meus dé-reis de proa, estindi-lhe a medalhinha na ponta dos dedos, e disse-le:

- Tome lá este arrelique, e, se le prèguntarem quem foi que lo deu, diga que foi o sôldado mais duro e mai' ruim que de Elvas passou a Badajoz... (p19, 20)

E ela, a dama, subitamente purificada pelo gesto redentor do seu paladino, porta-se à altura do momento, com uns repentes de seriedade e compenetração que estes gestos sempre propiciam: – *Ela riu-se munto, vormelha como ùa brasa, e pregou a medalhinha no seio.*

Atingido este clímax emotivo, teria a narrativa de iniciar um movimento catabólico que não destoasse da tonalidade pícara. Quem não estava à altura do acto eram os comparsas espanhóis. E pronto vem de lá o chiste do metediço requestador de Consuelo: «– *Mira, Consuelo! Es Virgen?»*

O chiste era cruel e o ânimo inflamado do cavalheiroso acompanhante de Consuelo não pôde tolerá-lo. E conta:

«Ah, rapazes! Se quereis ver o que é um espanhol cheio de sãingue c'um murro naquele focinho, era só irdes à Calha de las Fuentes e porde-vos a par de Mateus, im pé no mei' da fonda... O pimpão ficou-me estindido ó cumprido dum banco. (p20)

Para abreviar, segue-se que aparece a Guardia Civil e lá vão os dois valentes portugueses sob escolta para os calabouços, donde, passados três dias, são transferidos para a guarnição do Forte de Elvas.

Acontece que este velho Mateus que, mais de vinte anos depois, conta a história mantém esses seus lampejos de ingenuidade do tempo das suas verduras. Assim, quando Mateus Queimado o provoca: - *E depois, Mateus? Gozaste a moça ou não?*

A resposta de Mateus vem de lá, cheia de ambiguidades com uns lampejos de psicologia: - *Deixe-me Vossioria siquer! Os milhores bocados da vida são os qu'um home nã chinca...* (p.20)

A construção da personagem vem-se complexificando mais do que o previsto ao, repentinamente, pautar a sua conduta por valores que transcendem os comportamentos habituais do pícaro.

Insistamos um pouco na observação de um traço idiossincrático do narrador que se impõe à nossa atenção e que ele reafirma frequente e altivamente – o ser ilhéu. E dizemos idiossincrático porque ser ilhéu não é para Mateus apenas um averbamento no cartão de identidade, mas sobretudo o fundamento de um certo modo de estar na vida: (*Nunca oiviste dezer que ilhéu dipois de morto ainda dá coice!*) ou mesmo, motivo bastante a poder erguer honradamente a cabeça. Vejamos como Matesinho argumenta quando, a dada altura, o seu ouvinte se atreve a levantar uma suspeição sobre a sua honestidade:

- *Homem! Andaste metido em ladroeiras!?*
- *Lá isso, graces a Deus - e Mateus, emproado, espalmava a mão no peito, como a lavar o coração -, fui sempre ãa praça limpa! Sou de Sã Mateus, senhor Matesinho.*

Na linha dos imperativos categóricos de Kant, ser ilhéu, e ilhéu de S. Mateus, é argumento suficiente a varrer qualquer suspeita de roubalheiras; como o é também a garantia que se herda com os genes:

Já mê pai picava ingodo de cabeça alevantada à proa do barquinho que pagou... Dever, devo cabedal a quem mo fia; roibar, nem a ponta dum corno a quem nos tenha!

Essa sua identidade ilhoa manifesta-se ainda no pinturesco da sua narrativa, a cada passo salpicada de comparações que têm por segundo termo de comparação as realidades do quotidiano da sua ilha natal, como esta que aqui ocorre: *linda comò sol, que só parcia mesmo a*

maromba do cromo que o Finório barbeiro tem na tenda!; ou de provérbios de saborosa cor local: *o boi im terra alheia nem vaca é.*

Há ainda um outro traço em que Mateus firma a sua identidade e que tem a ver com o conceito de terra, assumido agora no sentido mais amplo de pátria, e que ele revê no seu estatuto de *soldado de el-rei*. (Não esqueçamos que os acontecimentos narrados por Matesinho ocorrem ainda sob a monarquia e podemos supô-los narrados ainda nos fins da mesma, quando Vitorino Nemésio, nascido em 1901, teria os seus sete, oito anos, o que nos permite avançar com a hipótese de vermos o autor-testemunha escondido sob o disfarce do rapazinho escorraçado pelo narrador). Tal estatuto permite-lhe sentir-se ungido de um patriotismo herdado em linha direita da padeira de Aljubarrota, patriotismo que nem os miúdos pecadilhos do quotidiano, como empenhar a farda ou ausentar-se do quartel sem autorização, conseguem embaçar: *um home é um home, e eu, de mais a mais, era um soldado de El-Rei de Portugal que stava ali. Tinha impinhado a minha farda? Isso era cá comigo!* - dirá ele quando sente o olhar de desafio dos espanhóis na *fonda*. E, pouco depois, quando alvitra despachar os seus captos desta para melhor à facada, é ainda na sua qualidade de soldado do rei que encontra fundamento moral bastante para o acto:

Ainda stive vai nã vai para tantar a minha sorte e, co a ajuda do cuchilho, afocinhá-los ali. Desertor ò não, é sempre era ùa praça nacional que servia Sua Maestade, e aqueles carabineiros nã passavo duns còdrilheiros da raia. (p21)

Voltando à história: depois de cumprido o castigo ditado pelo tribunal militar, Matesinho vai de castigo para Almeida, *Almeira*, como ele diz:

– Oitra praça de guerra que fica lá im riba na Beira, com tudo coberto de neve na força do Inverno da raia, que aquilho bufa por lá que nem gato esfregado a malagueta. (p24)

Aqui se engendra a história que levará à terceira prisão debaixo de armas, toda ela centrada sobre as exigências da amizade, um outro valor que estrutura a personalidade de Mateus.

Resumindo: em Almeida trava relação de franca amizade com um tal Valentim que, segundo se contava, era filho do Zé do Telhado e o Trovão contrabandista que, metido num aperto, os leva a abaterem um guarda fiscal que o perseguia ao atravessar a fronteira com contrabando. O estranho é que esse valor da amizade se impõe com tal

força que Mateus nem se coloca o problema ético: se a defesa de um candongueiro amigo justifica morte de homem; a única evidência que se lhe impõe como indiscutível é que, vida por vida, fique lá estendido o guarda fiscal. Nem o arrependimento lhe sobrevém quando chega ao conhecimento de que esse tal Trovão tinha assaltado a igreja do Sabugal e roubado as pratas do templo.

Desta vez, como a sua participação no assassinato não foi provada, «*e comós guardas tamém nã podio jurar falso, só tive ùa semana de segredo e apanhei as varadas atão*». (p28)

Como podemos ver pelo esquema, a quarta prisão é uma não-sequência: os acontecimentos apenas nos são aludidos sob uma forma extremamente elíptica, o que só abona em favor de Mateus:

O qu'ê penei por esse mundo, minado à minha má cabeça!... Tamém... posso-me gavar!-e, espalmando a mão direita na tábua do peito, como um herói que ajeita os seus crachás: - Quatro prisões dobaixo de armas, que stão aqui!

- Mas vossemecê só contou três...

-A oitra nã tem que cuntar. Foi im Évora-Cidade, po via tamém do mulhero...

- Conte! Conte ... - insisti. (p29)

Mas Mateus não conta. Ele que se gaba das suas quatro prisões, tem o bom senso de não se gabar das suas façanhas amorosas, bem ao arrepio da gabarolice lusitana em matéria de amórios: *sentia-se na escusa de Matesinho uma razão secreta, uma espécie de rápido pudor; e, compreendendo-o, calei-me* – opina mais uma vez o narrador primeiro.

Impede-lho o pudor, esta *espécie de rápido pudor*, que o afasta anda mais do pícaro, modelando a personagem muito para lá do estereótipo previsto.

Atentando agora num outro pormenor de construção da narrativa, através dos textos citados é-nos permitido observar que o narratário não se mantém passivamente no papel de ouvinte. De quando em quando intervém para alimentar a chama sagrada da narração quer através de observações que espevitam a ralé de Matesinho, quer mandando vir mais um *bandola* (copo de quartilho) quando ao narrador começa de falecer o ânimo narrativo. Mas tem sobretudo interesse analisar os momentos em que o narratário reassume o seu papel inicial de narrador, o que permite gerar uma espécie de narrativa paralela, num discurso que poderíamos chamar de metanarrativo: enquanto Matesinho narra as histórias da sua vida, Mateus Queimado

narra esse mesmo narrar, descrevendo as atitudes do narrador segundo, avaliando sobretudo os recursos retóricos investidos no seu contar. Vejamos este pequeno excerto:

O seu tom narrativo, tão pitoresco e empenhado, aliás afrouxava. Eu disse ao Jé Cardoso que lhe enchesse um copo de vinho - mas o "bandola", o grande, que levava um quartilho. Matesinho encostara-se pouco a pouco ao balcão, de polegares espalmados na borda chapeada de vinténs do Senhor D. Pedro V. Libertando a mão direita de semelhante posição, a um tempo discreta e inapetente, cingiu o copo de trás para diante, em forqueta, entre polegar e fura-bolos, como era de seu estilo repousado, firme, finalmente galante na proa que dava à cabeça levemente derrubada ao beber. (p.29)

A modelação da personagem acentua-se, aliás, ao longo da quinta sequência que narra, não já uma peripécia das que levam ao tribunal militar, mas sim o feito heróico do salvamento de um naufrago nas águas revoltas do rio Minho, junto a Valença. A modéstia leva-o a apoucar o teor heróico da façanha, de uma exemplaridade suficiente a redimi-lo das tropelias narradas: a pintura aviva ainda mais o contraste de claro-escuro dos traços com que o narrador primeiro começara a desenhar o perfil do Matesinho de S. Mateus logo no *incipit*. A par do transgressor perfila-se agora o homem inteiro, com um sentido rigoroso dos valores que identifica como seus.

A sexta sequência viria apenas apurar esse sentido do humano. Matesinho, ressarcido, pelo seu heroísmo, das máculas que ficaram a pontilhar a esteira do seu serviço militar, incógnito e purificado por essa catábase ao mundo estranho, tocado sempre pelo cheiro da casa, demanda, como Ulisses, a sua Ítaca açoriana, mitificado porque castigado pelos deuses. E lá o aguarda Estrudes, a sua Penélope, *já piquinina coma hois é, co aquele bum modo dela*.

Terminamos aludindo ao fechamento da narrativa, ou melhor das duas narrativas: a de Matesinho de S. Mateus e a de Mateus Queimado. No desenlace elas reencontram-se: a primeira rematando as aventuras contidas nos averbamentos do quadrado de percalina preta da caderneta; a segunda juntando Matesinho e a sua Estrudes, que, acabada de chegar à venda, viera ainda a tempo de ouvir as palavras meigas com que Mateus a enquadra na sua história, tomada de um enlevo que não consegue disfarçar:

E, como a pobre, que em geral não fazia a romaria das vendas senão para o cobrir de lástimas e más palavras, se ficasse a mirá-lo com enlevo

resmungando apenas "Quem tanto ajunta! ... graças a Deus! ... O qu'aquilho vai buscar! ...", considerou-a uns segundos em silêncio e rematou, depois de enxugar outro "bandola" que eu lhe mandara encher:

- Todos dizem qu'és santa, mulher! Splendor nunca to vi... Mais, s'és santa, a mim mo deves!

E, mandando-lhe pesar uma quarta de açúcar que ela escondeu no xalinho, saíram à ilharga um do outro como noivos com os sinos repicando. (p.38).

E é com este froixo de ternura, mais um traço amaciador do retrato de Matesinho, que a narrativa finda, um pedaço da crónica isleña que sempre povoou o imaginário primordial de Vitorino Nemésio e de que ele aqui nos deixou como em retábulo de ex-voto o seu testemunho de fidelidade às origens e motivo de deslumbramento para nós, seus leitores.

Incipit - apresentação

1

- *peito firme, riso aberto, bizzarria a contar...*
 - o bebedolas
 - o homem de trabalho
- o tocador de viola (a *Serena*)
- o contador de histórias

Angra: 1ª prisão

2

- agressão ao cabo Conceição

Elvas: 2ª prisão

3

- tentação da tourada em Badajoz
- a penhora da farda militar
- o encontro com as *espanholas*
- na *fonda* da *Calle de las Fuentes*
 - a sagração da *bem-amada*
 - a provocação de um espanhol
 - a e a agressão ao *cracamano*
 - prisão debaixo de armas
 - julgamento

Almeida: 3ª prisão

- 4
- relação com Valentim (filho do Zé do Telhado)
 - à espera do *Trovão* com veniaga de Espanha
 - morte do Trovão (com um saco de duros)
 - morte do Guarda Fiscal que abateu o Trovão
 - Valentim atingido e fuga de Mateus
 - uma semana de degredo e varadas

Évora cidade: 4ª

Omissa por pudor: *A oitra ã tem que cuntar /.../
por via tamém do mulhero...*

Valência do Minho: a redenção

- 5
- salvamento do naufrago no rio Minho
 - o filho do General
 - a recompensa: liberto das correias

O regresso

- 6
- viagem de oito dias para Lisboa
 - recurso ao general Siuves
 - regresso a Angra
 - incógnito ao encontro da sua Estrudes